

PROJETO FUNK FUTEBOL: QUAIS SUAS IDENTIDADES?

EMEF Ministro Synésio Rocha

Rose Mary Marques Papolo Colombero

O presente relato foi realizado no primeiro trimestre de 2012 na EMEF Ministro Synésio Rocha, que teve no seu PEA (Plano de Ação Educativa) o “Projeto Nutrição” como tema a ser desenvolvido.

Para o início do PEA professores e alunos assistiram ao filme “Amigos da Nutrição”. A partir do filme, que trouxe marcadores sociais de raça, classe e moradia de forma implícita, foram escolhidas as práticas da cultura corporal funk e futebol, considerando suas formas de representação no filme e na sociedade.

O projeto “Funk e Futebol” foi construído com três turmas do 4º ano do fundamental II e para o relato a seguir foi escolhido o 4º ano A.

Para maior aproximação, uma vez que não haviam sido meus alunos anteriormente e como forma de mapeamento, responderam a um questionário sobre as expectativas em relação à escola e a educação física, assim como quais eram seus gostos preferidos quanto à alimentação, música, dança e práticas corporais. Ao socializarmos as respostas identificamos o funk e o futebol também como manifestações pertencentes ao grupo de alunos.

Esta identificação consolidou o projeto, que considerou os alunos sujeitos portadores de saberes e em contato com o mundo.

Pautado nas teorias pós críticas da educação e nos campos teóricos dos Estudos Culturais e do multiculturalismo crítico, o projeto questionou as relações de poder que atravessam as práticas corporais, assim como possibilitou a reflexão sobre a produção da identidade e diferença representadas nas manifestações estudadas pelos diferentes grupos de alunos.

O projeto teve início com a atividade de análise e interpretação do filme “Amigos da nutrição” com intuito que os alunos fizessem uma releitura e identificassem marcadores sociais presentes. Sendo questionado: onde se passa o filme? Quais práticas da cultura corporal são identificadas? Dentre as práticas citadas alguma está negada, caso a resposta seja positiva, cite a prática e quem está negando. Quais características são dadas ao personagem Beto, quanto à raça, moradia e alimentação...? O que pode ser entendido na fala da mãe do Beto: “... *já sabe, vem tudo prontinho do super mercado, comigo é assim vapt vupt...*” e “... *enche bem a barriga, amanhã cedo você sabe, não tem ninguém para comprar pão...*” Quais exemplos são citados pelo Guga como falta de disciplina na casa do Beto? Existe semelhança entre a mãe do Beto e a nutricionista, qual? Qual valor dado ao futebol no filme? A classe social e a cultura podem influenciar numa alimentação saudável? Justifique.

Durante a socialização das respostas, identificaram no personagem Beto marcadores sociais que de alguma forma contribuíam para seu mau desempenho junto à equipe de futebol

da escola. Era negro, morava na favela, não tinha uma alimentação adequada, a mãe não cozinhava, ouvia funk alto, não preparava o café da manhã, frequentava baile funk, as crianças brincando na comunidade era considerado pelo amigo Guga e pela nutricionista da escola como falta de disciplina.

A partir das identificações foram elencados os seguintes objetivos específicos: conhecer a história do funk e do futebol considerando seu contexto histórico, relacionando o modo pelos quais os alunos a conhecem ou praticam; analisar, interpretar e vivenciar as múltiplas linguagens do corpo e dos movimentos expressivos especialmente na dança funk, atuar de modo a superar os estereótipos e preconceitos que acompanham as produções culturais dos grupos minoritários, identificar as práticas discursivas presentes no funk e no futebol que reforçam pejorativamente a identidade de raça, etnia, moradia, gênero etc. nas diversas vivências dentro e fora das aulas; analisar criticamente a participação da mídia e suas influências; construir e participar de coreografias a partir das temáticas combinadas.

Na apresentação do projeto informei que parte das aulas seria dedicada ao funk e parte ao futebol.

Para mapear as representações que possuíam acerca do funk questionei o que achavam da música e da dança? Quem são os praticantes? O funk faz apologia a algum tipo de comportamento? O funk influencia a sociedade?

Durante a socialização sugeriram questionamentos como: *“meu pai diz que é coisa de vadia e drogada”, “shorts é melhor para dançar”, “desvaloriza a mulher”, “o ritmo é contagiante”, “toda mulher que dança funk é vadia sim”, “meio desrespeitoso”, “vai valer nota?”, “um ritmo prá se divertir”, “a letra trata a mulher como objeto sexual para dar ibope e ser cantada”, “é muito legal de dançar”, “faz apologia ao sexo e as drogas”, “o funk antigo era melhor”, “influencia a fazer coisas erradas”, “parte da sociedade escuta”, “eu não gosto da música funk, pois na letra existe muito palavrão, desrespeito á mulher, mas não são todas, tem funk que é muito legal e não desrespeita ninguém”, “é só ouvir com fone, isso deveria ser lei para todos os gêneros de música”;* *“outros ritmos como o forro também são sensuais e aí pode”*.

Diante das representações que possuíam elegemos como conteúdo a transformação do funk nos tempos, distinção do funk carioca com o paulista, ramificações do funk, preconceito com os praticantes funk.

Perguntei como poderíamos acessar as músicas, logo se manifestaram mostrando músicas baixadas nos celulares, porém as consideradas ruins para uns eram legais para outros, assim como o inverso também aconteceu. Também citaram músicas de funk de MCs e DJs conhecidas como vertente do proibidão¹ como também as que trazem outras mensagens. Fiquei de providenciar uma caixinha de som (igual a que alguns alunos já faziam uso na escola) com adaptador para chips de celulares e os alunos de trazerem as músicas.

¹ Gênero de funk que supostamente faz apologia ao crime, sexo, uso de drogas e retratam a violência policial.

As aulas iniciavam dentro da sala, sempre trazendo uma problematização² da temática e na sequência descíamos para o pátio externo ou para a quadra para vivência (no início com músicas que os alunos traziam nos celulares). Os alunos representantes da dança iniciavam a vivência, enquanto os demais se posicionavam ao redor, alguns tentando dançar, outros permanecendo assistindo.

Para as aulas práticas seguintes solicitei a construção de uma coreografia da dança funk que representaria a classe como produto final, os alunos que não dançassem deveriam participar da construção com sugestões.

Nas ocasiões em que os alunos vivenciavam a prática, simultaneamente outros de outras séries que estavam em educação física (com outros professores) ou em aulas vagas, eram atraídos e juntavam-se ao grupo. Abordados no início também foram questionados do que achavam estudar o funk dentro da escola e com qual estilo mais se identificavam. Indagaram pensar ser proibido funk na escola, achavam “legal” estudar o que gostavam de ouvir, alguns meninos gostavam porque tinham em sua representação a sensualidade das mulheres, em sua maioria identificavam-se mais com o funk “proibidão”³.

Iniciei problematizando sobre a origem do funk. Muitos citaram o cantor James Brown⁴, referindo-se como melhor o funk de antigamente. Aprofundei a discussão a partir de um estudo etnográfico sobre danças urbanas, comentando que o funk surge *“na década de 30 e 40, quando negros pertencentes às fazendas do Sul dos EUA, migraram para os grandes centros do norte do país, trazendo o blues como música rural e a música soul, que falava do sentimento deles em relação a Deus em seus encontros religiosos. Nos anos 60 paralelamente ocorria à luta dos negros norte-americanos pelos direitos civis e guerras pela independência de países africanos, quando James Brown, através da música funk, surge com letras diferentes que falavam de sexo, dança e festa fugindo do contexto religioso e criando um ritmo mais animado que chamavam de bounce, fazia uso dos instrumentos de sopro e os metais que eram forte na música, tornando-se um ritmo revolucionário. O “funk” passa a caracterizar uma identidade pelo modo de se vestir, cantar e dançar. Além da música, sua dança conhecida como good foot (pé bom) passa ser referência”*⁵.

Durante as discussões comentaram sobre as letras dos funks, principalmente as que falam da mulher como objeto sexual e a criminalidade. Ficamos de pesquisar a respeito para os próximos encontros. Então solicitei que criassem uma versão com música. Combinaram que as meninas se responsabilizariam pela coreografia e os meninos pela música e letra.

Retomamos a análise e interpretação do filme, sobre como o futebol estava nele representado. Identificaram como muito valorizado, ganhar o campeonato de futebol era muito importante, daria ascensão a outras oportunidades (viagem, divertimento, conhecer garotas...). Chegaram a questionar que a série visa o desenvolvimento dos alunos a partir de bons hábitos alimentares, *“mas se não fosse pelo campeonato, importar-se-iam com a alimentação do Beto?”* Também fizeram relação do filme à realidade, dizendo que muitos sonham tornarem-se jogadores de futebol, para conquistariam fama, dinheiro, viagens, mulheres, etc... No primeiro questionário esta fala também apareceu.

² Conteúdos que emergem dos questionamentos e possibilitam aprofundamento e ampliação das temáticas.

³ MCs que foram presos por cantar “proibições” alegam simplesmente retratar a realidade das periferias e favelas, abordando conflitos entre facções criminosas pelo domínio do tráfico de drogas, corrupção e violência policial, racismo, miséria, prisão, desemprego...

⁴ Cantor, dançarino e produtor musical norte-americano, reconhecido como uma das figuras mais influentes do século XX na música soul e funk.

⁵ Trecho do texto da pesquisa etnográfica sobre danças urbanas. Autora Rose Mary M. P. Colombero – julho 2011.

Para iniciar o mapeamento sobre o futebol em sala perguntei o que sabiam o que já haviam estudado, disseram ter jogado futsal em todas as séries, uma aluna relatou não gostar de futebol e futsal ela não sabia o que era. Perguntei se quando jogaram futsal estudaram a manifestação, disseram que apenas jogavam. Para maior aproximação sobre a temática passamos a relacionar as diversas maneiras de jogar futebol que conheciam, como o de areia, society, de rua, showbol... assim como as diferenças e semelhanças entre o futebol e futsal, a mesma aluna que havia dito não conhecer o futsal manifestou-se em relação algumas regras que é semelhante entre os mesmos, assim como é possível chutar com o peito dos pés e a bola não pode tocar nas mãos. Ampliaram as falas citando algumas gírias no futebol como rolinho, sainha, caneta...

Na quadra com ajuda de alguns alunos passamos a vivenciar os passes e chutes a gol na forma de “chapa”, “trivela”, “peito de pé”, “letra”, “dedão”, “cavadinha”...

Na aula seguinte trouxe à discussão a importância dada pela mídia ao futebol comparado a outros esportes. Trazendo um caderno de esportes⁶ analisamos quanto do espaço do jornal estava destinado ao futebol, à matéria principal estava relacionada com o campeonato paulista de futebol, que suscitou alguns questionamentos quanto às equipes participantes e seu regulamento. Concluímos que é um esporte hegemônico nos jornais esportivos e nos horários nobres da TV. Comentaram sobre a influência da televisão nos horários dos jogos às quartas feiras, “*é professora, precisa esperar acabar a novela para o jogo começar*”, neste momento discutimos sobre o retorno dos torcedores para casa, quanto à diminuição do transporte coletivo e a que horas os mesmos vão dormir para trabalhar no dia seguinte. Comentaram também sobre o número de comerciais veiculados com os jogadores Neymar e Ronaldo. Constatamos que se tornaram garotos propaganda de grande influência e o volume de marcas que se apropriaram do futebol e usam a imagem dos jogadores tornou-se um negócio muito rentável.

Em quadra perguntei como poderíamos aproximar o futsal do futebol, combinamos a adaptação de algumas regras, como o lateral com a mão e a linha de impedimento. Ao questionar sobre o posicionamento no futsal relataram desconhecer, ao definir o número de jogadores em quadra fomos discutindo sobre cada posição e sua função. Os jogos iniciavam em grupos mistos, trazendo como marca que o mais importante era ganhar e as meninas não colaboravam. Abrimos uma discussão sobre a vivência das meninas no futebol e nas aulas de educação física durante sete anos de escolaridade. O que faziam enquanto os meninos jogavam bola? Responderam que jogavam vôlei em rodinha ou pulavam corda. Em alguns momentos procuramos desconstruir esta prática solicitando que os jogos fossem mistos em outros jogavam só entre meninos ou só entre meninas.

Para ampliação sobre a história do funk⁷ retirei textos da internet que na hora das discussões fundamentassem e aprofundassem os conhecimentos. Perguntei sobre qual estilo de música funk estavam usando na construção da coreografia, responderam o carioca, indaguei o que caracterizava este estilo, responderam o ritmo “pancadão” que tem a batida mais forte e repetitiva e também músicas que trazem nas letras duplo sentido, como as do MC Rouba Cena, o “proibidão” também utilizado disseram trazer na sua linguagem letras que fazem apologia ao crime, ao uso de drogas e ao sexo, citaram Mr Catra⁸ e MC Daleste e Yoshi como preferidos. Perguntei se conheciam algum outro estilo de funk que se diferenciava dos citados, falaram do MC Pikeno e Menor que cantam músicas com mais consciência.

⁶ Jornal Estado de São Paulo – Caderno de Esportes – 13/02/200/12

⁷ www.reliquia.funk.com

⁸ Cantor e compositor, quando indiciado por fazer apologia ao crime na música “Cachorro” (fala sobre policiais corruptos), diz: “*Não sou cúmplice do crime, sou cúmplice da favela. Não estou fazendo apologia ao crime, estou é relatando uma realidade*”.

Ao compararem o funk carioca com o paulista, disseram o carioca trazer músicas mais erotizadas e o paulista músicas que falam de dinheiro, carro, moto, roupas de marca... Anotei o alguns nomes como o MC Dede.

Aprofundei a discussão contando que a partir dos bailes blacks que aconteciam na década de setenta, Djs foram buscando novos ritmos de música negra. Em oitenta foram influenciados pelo Miami Bass com músicas mais erotizadas e batidas mais rápidas. O funk carioca origina-se nas favelas do Rio de Janeiro, pois as músicas passam a retratar a realidade das comunidades, com temas sobre a pobreza e a violência policial. Nos anos noventa o funk carioca vai formando sua própria identidade, o ritmo vai ficando cada vez mais popular, exaltando as comunidades, os bailes multiplicam-se. Ao mesmo tempo vai sendo alvo de ataques e preconceito. Pela ameaça aos “proibidões” surge uma nova vertente o funk melody com temas mais românticos seguindo o ritmo freestyle americano, destando-se MC Marcinho, Latino entre outros. Em 1995 o funk sai dos morros chegando às áreas nobres, ganha destaque no programa “Furacão 2000”⁹ tendo como representante a dupla “Claudinho e Bochecha”. Alguns bordões e gritos de guerra criados nos bailes tornam-se populares como “Uh tererê” e “Ah! eu tô maluco”. Paralelo a isso o “proibidão” vai ganhando espaço dentro das comunidades e rádios comunitárias. Ao longo do ano 2000 as músicas de conotação erótica e de duplo sentido vão ganhando força, associadas ao ritmo “pancadão”. Destaca-se nesta época o documentário europeu sobre a cantora Tati Quebra Barraco que traz em suas letras a resistência das mulheres à dominação masculina. Em 2009 a música “Rap das Armas” incluída na trilha sonora do filme “Tropa de elite” faz grande sucesso. Neste mesmo ano os deputados Wagner Montes e Marcelo Freixo definem o funk como movimento cultural e musical de caráter popular do Rio de Janeiro.

O funk, assim como outras manifestações, foi sendo construído e transformado conforme a época e o contexto social, político e econômico.

Durante a vivência prática as alunas que estavam à frente da construção da coreografia comentaram que não é qualquer música funk que dá para dançar, uma vez que havíamos combinado não fazer uso das consideradas vulgares. Neste momento abrimos uma discussão com a turma por que preferiam as músicas de duplo sentido, justificaram não se importar com o que estavam cantando, importavam-se com o ritmo, sabiam que não eram o que as letras diziam. Então questionei a turma como aquelas meninas estavam significando a dança naquele momento: como forma de chamar atenção através de movimentos sensuais ou pelo prazer de dançar? Chegaram à conclusão que na escola era pelo prazer de dançar, para alguns começava a desconstrução daquilo que traziam como significado sobre o funk e quem dança. A partir desta fala concordei que escolhessem a música, uma vez que a construção da música e letra da sala ficaria como ampliação de conhecimento.

Com uso de celulares e da caixinha de som foram realizando a construção da coreografia.

Como forma de ampliar as questões levantadas sobre o campeonato paulista, levei uma tabela de classificação onde interpretaram, o que é série A1, número de equipes e quais faziam parte, zona de classificação, zona de rebaixamento, J (número de jogos), PG (pontos ganhos), V (vitória), E (empate), D (derrota), GP (gols pró), GC (gols contra), SG (saldo de gols), mando de jogo, o regulamento com a pontuação e a classificação para as quartas de final, semifinal e

⁹ Programa da CNT com edição nacional

final. Após socialização das respostas, discutimos outros importantes campeonatos que estavam acontecendo envolvendo equipes de outros estados como a Copa do Brasil e equipes internacionais como a taça Libertadores da América.

Um ponto negativo do processo foi quando concordei que os ensaios para a dança acontecessem simultaneamente às aulas práticas de futebol. O grupo acabou dividindo-se por gênero, as meninas ocupavam um espaço do pátio externo para os ensaios e os meninos, a quadra quando disponível, com o futebol ressignificado, salvo algumas exceções com participação das meninas.

Em algumas aulas ficávamos somente na sala por haver um revezamento da quadra descoberta e coberta entre os demais professores de educação física. Numa dessas ocasiões trouxe a origem do futebol a partir do filme que havia assistido “A História do Futebol: um jogo mágico”¹⁰ e um texto sobre a história do futebol¹¹ no Brasil que termina dizendo : “...o primeiro time a se formar no Brasil foi o SÃO PAULO ATHLETIC CLUB (SPAC), fundado em 13 de maio de 1888. No início, o futebol era praticado apenas por pessoas da elite, sendo vedada a participação de negros”. Somente no início do século Arthur Friedenrich, filho de um alemão com uma negra, o primeiro mulato, participa de uma partida oficial de futebol pelo Clube Atlético Paulistano.

Constatando que as representações de alguns alunos em relação ao funk mantinham-se estereotipadas, comentei sobre a edição do programa “Esquenta”¹² apresentado por Regina Casé no dia 25/03/12, que trouxe como tema a antropofagia, abordado pelo cantor Gilberto Gil, que fez referência a Semana de 22 com o Manifesto Antropofágico, a mensagem foi “*somente transitando pela cultura do outro seremos capaz de conhecê-lo e respeitá-lo, diminuindo o preconceito*”. Transportamos a mensagem para as aulas, porque “olhamos” para as coisas como “olhamos”? Será possível olharmos para a manifestação de outro jeito? O que nos influencia? Solicitei que refletissem para que ao final do projeto se manifestassem. Neste momento percebi que todos estavam desestabilizados.

Para vivência prática parte da turma continuava na construção da coreografia, ora mudando de música por considerar vulgar, ora retornando para anterior, enquanto parte vivenciava o futebol ressignificado. Nesta ocasião a questão de racismo que envolveu o jogador Vagner Love do Flamengo no Equador, em jogo válido pela Copa Libertadores foi alvo de discussão, tanto no futebol como em outros esportes ao negro é atribuída certa representação e sofre discriminação.

A reportagem do programa “Fantástico”¹³ abordando o Mundo do funk e a morte dos Mcs da baixada santista, suscitou-me a pesquisar sobre caso, encontrei um texto¹⁴ de Danilo Cymrot¹⁵ que relata os episódios dos casos de violência contra artistas funkceiros e o descaso ou até cumplicidade do Estado. De acordo com o Mapa da Violência de 2011, jovens negros das periferias e favelas apresentam maior vulnerabilidade a violência e são destinatários de estereótipos de delinquentes. Cantam em primeira pessoa por viver aquela realidade. Para ele, neste sentido o “proibidão” seria uma música de protesto, é a favela cantando sua própria história para a favela. Enfatiza que o Estado, em relação ao funk, ao adotar uma política

¹⁰ “A História do Futebol”, o filme vai explorar os jogos e rituais desde a antiguidade, passando pelo México, China, Japão, Roma Antiga e Grã Bretanha até desenvolver suas próprias regras e ser popularizado.

¹¹ Fonte: Site da FIFA e www.campeoesdofutebol.com.br

¹² Programa de temporada que trata diversos temas apresentado aos domingos pela Rede Globo.

¹³ Programa exibido aos domingos à noite pela Rede Globo.

¹⁴ Fonte: [HTTP:// www.correiodacidadania.com.br/index.php?option=com](http://www.correiodacidadania.com.br/index.php?option=com) 03/05/2012

¹⁵ Danilo Cymrot é mestre e doutorando em criminologia pela Universidade São Paulo

criminal, ao invés de uma política cultural, aproxima ainda mais MCs da área de influência dos traficantes.

Abrimos uma discussão sobre o programa, os dados do texto e o episódio da prisão do rapper Emicida¹⁶ em Belo Horizonte, quando fez a leitura de um texto protestando a desocupação em uma área de BH. Público e cantor mostraram o dedo do meio para políticos e autoridades. Ao final do show o cantor recebeu voz de prisão. Alguns alunos disseram não ter sido a melhor ideia de protesto, em ambos os casos, “*desacato à autoridade deve ir preso mesmo*”, outros disseram que quem protesta em nome dos fracos logo dão um jeito de calar a boca. Chamei atenção de como somos influenciados a pensar o que pensamos.

Na semana de finalização do projeto um aluno da sala construiu a letra¹⁷ e a música em ritmo funk, tendo ajuda do colegas que batiam as canetas na carteira.

Na hora da apresentação em sala, tiveram bastante dificuldade de iniciar, apesar de tantos ensaios, inclusive nas áreas externas da escola, a exposição naquele momento gerou vergonha. Ao iniciarem a dança tomaram gosto atraindo outras alunas da sala.

Cabe ressaltar que letra e música, como dança não estiveram representadas separadamente por gênero. Tanto na construção da letra e música, como na dança havia participação de meninos e meninas.

Na última avaliação escrita solicitei que falassem sobre a formação da identidade, o diferente (negro, favelado, funkeiro), se em algum momento sentiram-se desestabilizados, preconceito e discriminação e fizessem uma avaliação final do projeto.

Apresentaram como respostas “*A minha principal influência são meus pais que me criaram dentro da igreja, porém grande parte do que eu sou é influência dos meus amigos, a internet influenciou o meu gosto musical, agora gosto mais de rock, ou seja, tudo a minha volta me influencia*”; “*eu vejo como uma pessoa estranha, mas não trato como diferente*”, “*minhas opiniões mudaram, minha mente está mais aberta para outras culturas*”, “*me senti mexida, pois para mim todo funkeiro era escroto e um lixo, sem educação, mas agora vejo que não é assim*”, “*polêmico, pois esse tipo de assunto não é muito debatido nas escolas*”, “*bom, confesso que foi legal, pois eu era meio preconceituosa, funk para mim era tudo putaria*”, “*esse projeto mostra que nem tudo que parece é*”

Concluímos que tanto o futebol de origem branca europeia, como o funk de origem negra norte americana foram sendo ressignificados conforme o contexto social, político e econômico de cada época. O futebol valorizado pela cultura hegemônica tem seu espaço reconhecido, porém alguns representantes profissionais ainda sofrem discriminação. O funk advindo das culturas subjugadas sofre preconceito e resistência pela sua gestualidade, música e letra por aqueles que não o conhecem ou não transitam pelo espaço dos seus representantes.

¹⁶ Rapper paulista de origem pobre, famoso por suas rimas de improviso, seu nome leva a fusão de “MC” e “homicida”, pois “matava” nas batalhas de rima. Mais tarde criou a conotação para a sigla E.M.I.C.D.A. (Enquanto Minha Imaginação Compor Insanidades Domino a Arte), também citada por um aluno na última avaliação escrita, conforme anexo.

¹⁷ Letra em anexo

Com o projeto alunos representantes do funk ocuparam espaços de poder até então invisibilizados. Os alunos sujeitos de significação refletiram sobre a produção de suas identidades. Para alguns suas representações acerca das manifestações foram mantidas, enquanto outros tiveram suas significações transformadas.

Letra e música do aluno Kayo Bwerani dos Santos Lima – 8ª série A

O Funk não é moda

O funk não é moda, o funk tem que ser foda,

Esse é o incentivo pras crianças da favela, não trafica nem rouba,

Dá exemplo pras vielas, luta e acredita pras angustias alivia desde pequenininho sempre teve a intenção boa, não matar, nem roubar,

Pra seguir minha vida de boa, pode pah não de toca, porque a vida é louca.

Tem que pensar positivo, na vida ainda existe aquelas coisas que são boas,

Sem discriminação, vou vivendo e aprendendo, pode pah que o meu funk vem do fundo do meu peito acreditei e lutei ora chegar até aqui,

Fui me desenvolvendo conforme passava o tempo, quantos eu já vi cair com o dobro da minha idade.

No dia a dia é uma guerra contra a sociedade que faz a sua mente, pode pah engatilha o pente eu peço pra Jesus iluminar essas pessoas

Que tem um bom coração, mas tão sem alternativa se encontram sem saída, só tem uma opção, cair no mundão, trabalhar de pedreiro suar o dia inteiro.

Mais sonhe alto pode pah, nunca desista faça sua mãe feliz, ou faça seu pai sorrir, levante sua cabeça estude e acredite esse é o meu funk que inspira as pessoas.

O funk não é moda, o funk tem que ser foda, esse é o incentivo pras crianças da favela (2x).

Referências Bibliográficas

HALL, S. A identidade Cultural na Pós-Modernidade

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V.M., Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação: jul/ago/set/ 2003.

MOREIRA, A. F. B.(Org.), Currículo: questões atuais – SP; Papirus, 2010.

NEIRA, M.G.; NUNES, M.L.F., Pedagogia da Cultura Corporal: crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006.

NEIRA, M.G.; NUNES, M.L.F., Ensino de Educação Física Thomson 2007.

NEIRA, M.G.; NUNES, M.L.F. Educação Física, Currículo e Cultura - São Paulo: Phorte, 2009.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II do ensino fundamental: Caderno de orientação didática de educação física. São Paulo: SME/DOT, 2006.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o ensino Fundamental: ciclo I e II: Educação Física / Secretária Municipal de Educação. São Paulo: SME / DOR, 2007.

SILVA, T.T. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. BH; Autêntica, 2007.

VIANNA HERMANO, Funk e Cultura Popular Carioca - Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990, p. 244-253.